

As palavras são um mundo que se acende



Entrevista com o escritor Daniel da Rocha Leite¹

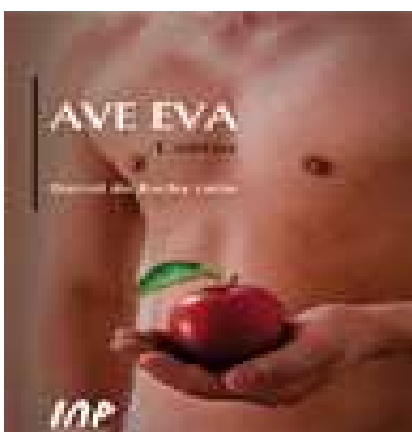
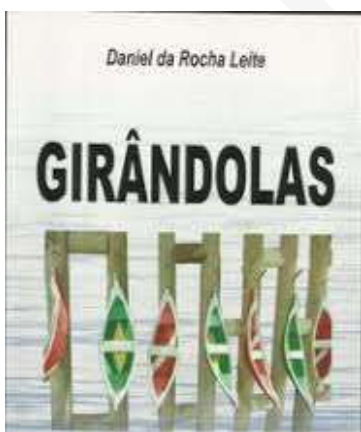
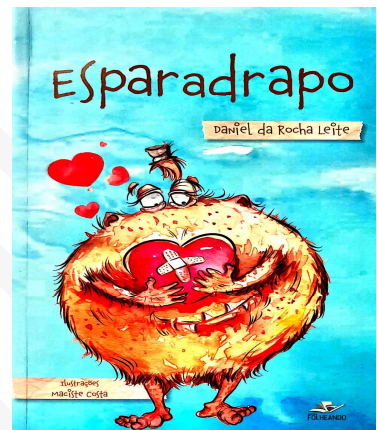
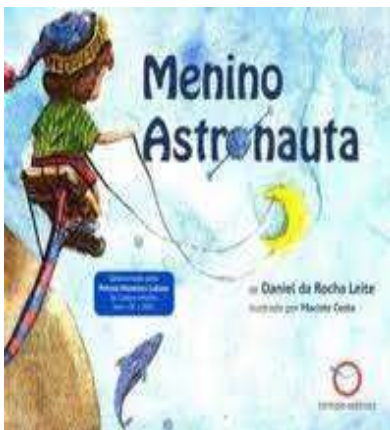
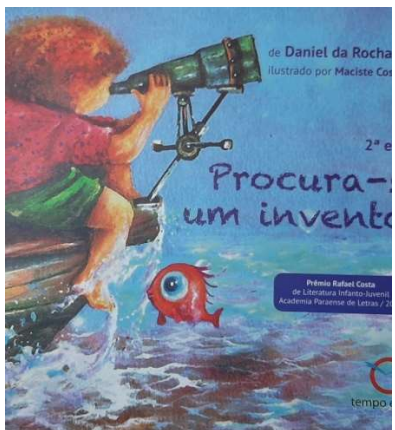
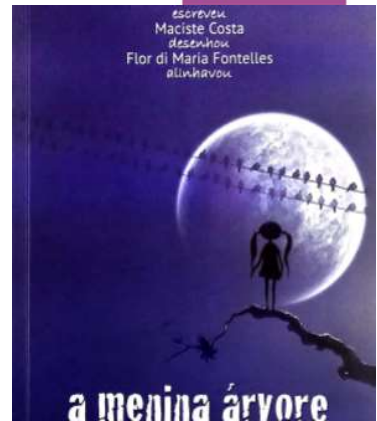
Por Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina² e Iza Reis Gomes³

O escritor Daniel da Rocha Leite mora em Belém do Pará, possui dezesseis livros publicados entre poesia, romance contos, crônicas e literatura infantojuvenil. Ganhou prêmios pelas obras de literatura infantojuvenil *Procura-se um inventor*, *A história das crianças que plantaram um rio*, *A menina árvore*, *Vindos do mar* e *Burburinho*. Em 2007 e 2018, recebeu o prêmio Carlos Drummond de Andrade/SESC-DE. Em 2019, com o livro *Burburinho*, recebeu o selo Acervo Básico da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – PNLIJ. A narrativa criada pelo autor é marcada pela leveza da palavra poética, ordenadora do mundo, da percepção, do sonho e da imaginação e pela presença do contar. Em um mover-se contínuo de reinvenção, a palavra se sobrepõe a própria palavra, reiterando, assim, o ato de criar e tecer a vida com os fios da imaginação.

¹ Entrevista realizada por e-mail em julho de 2021.

² Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Docente do Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4042182157568764>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8193-3088>. E-mail: fatimamolina@unir.br

³ Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Docente do Instituto Federal de Rondônia - IFRO. Docente do Programa de Mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7671303144200741>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8668-1692>. Email: iza.reis@unir.br



Entrevistadoras: Como você vê o crescimento da sua fortuna crítica na academia e como avalia o cenário literário brasileiro hoje, em termos de desafios e evolução?

Daniel da Rocha Leite: Diante dos estudos críticos que consigo acompanhar, na academia, sobre o meu trabalho, instaura-se uma íntima pretensão no sentido de afastar o autor e convocar, em mim, o leitor dos meus próprios livros. Esse esforço, ainda que frágil de um necessário deslocamento, movimenta um processo que se inscreve no campo de uma aprendizagem incessante. Vejo-me diante de recepções (e inovações críticas) que apontam caminhos jamais pensados por mim durante o processo de escrita de um trabalho literário. Tenho a impressão de uma experiência contínua que acaba por amalgamar autoria/leitura/crítica literária, no fundo, revela-se a força da literatura como possibilidade de sondar as aventuras do humano, as nossas fraturas e alguma chance de colmatação.

Sobre o cenário brasileiro contemporâneo, “em termos de desafios e evolução” (acrescentaria, também, os termos de uma certa desconstrução), os desafios e as esperanças dialogam. Novos suportes de leitura, novas mediações, o fecundo trabalho das contadoras e dos contadores de histórias, as várias salas de aula, dimensões subjetivas e coletivas, a escrita e a leitura literárias seguem a nos oferecer uma vida diante destes tempos necropolíticos.

Entrevistadoras: O seu romance *Girândolas*, publicado em 2009, recebeu o prêmio Samuel Wallace e teve edição de 2.000 exemplares esgotada. Segundo entrevista, você afirmou que essa obra nasceu de uma pesquisa. Poderia comentar como foi esse processo? O que veio primeiro em sua escrita: O tema, as personagens ou o espaço?

Daniel da Rocha Leite: Há mundos que serão, para mim, sempre impossíveis de narrar. O romance *Girândolas*, entre outras dinâmicas narrativas, tenta se aproximar da fatalidade do escarpelamento que muitas mulheres, avós, mães e meninas, ainda sofrem nas águas dos nossos rios amazônicos. A personagem gravitacional do livro, a Maria, atravessa essa violência. Como autor e como um homem, jamais conseguirei dimensionar o simbolismo dessa violência para uma mulher. Neste sentido, o tema, a pesquisa, a escuta de muitas mulheres, a imersão no espaço social e cultural, a construção das personagens, eu não saberia definir, com exatidão, o que foi antecessor à escrita. Penso que tenha sido um movimento

mútuo, aliado a um processo de escrita que, no *Girândolas*, permitiu-me alguma aproximação desse simbolismo violento e das respostas de vida de algumas personagens do romance.

Entrevistadoras: No seu processo de escrita, há alguma interferência das classificações dadas à literatura, seja infantil, infantojuvenil ou amazônica?

Daniel da Rocha Leite: Quando escrevo e quando leio, essas interferências ou classificações não encontram ressonâncias no meu ato de produção e recepções de linguagem. Entendo que possa haver alguma lógica de ordenação, ainda assim, não é relevante para mim. Importa haver um texto e uma leitura que cuidem do humano em nós. Seja “infantil, infantojuvenil ou amazônica”, antes de qualquer escaninho, é necessária a entrega ser literária.

Entrevistadoras: A relação entre a narrativa e a imagem em suas obras é poeticamente marcante. Como realidades distintas, mas que se relacionam, não percebemos repetições entre as duas linguagens. Como você e o ilustrador Maciste Costa constroem esse diálogo?

Daniel da Rocha Leite: É preciso destacar que o Maciste Costa é um dos mais brilhantes ilustradores brasileiros da contemporaneidade. Além de um artista plástico que domina várias técnicas, ele é escritor e poeta de mão cheia. Quando, em 2004, conheci o trabalho do Maciste fui logo tocado pela poética das ilustrações. Naturalmente o poeta estava presente em todas as aquarelas. De lá para cá, construímos uma relação de trabalho muito fraterna e tecida em liberdade. Ambos acreditamos que a ilustração não é o retrato do texto. Muito pelo contrário, a ilustração conta a história junto com o texto e além do texto. Talvez por isso essa não-repetição de linguagens seja a marca mútua e constantemente dialógica dos nossos trabalhos.

Entrevistadoras: A última obra publicada *Esparadrupo*, de um modo muito especial, com uma linguagem ao mesmo tempo lúdica e poética, traz uma temática voltada para os sentimentos das meninas, as primeiras inquietações sentimentais. Como surgiu essa ideia da criação da Beatriz que fala do mundo de todas as Beatrizes?

Daniel da Rocha Leite: Penso que as várias inquietações de viver, subjetivas e coletivas, convergem para o ato da escrita. Eu tinha acabado de defender a tese “*A mulher como sujeito perceptivo em romances de Gustave Flaubert, Machado de Assis e Eça de Queirós*”. Durante quatro anos estive a investigar, e a tentar compreender, a fratura que entrelaça Emma, Capitu e Luísa, personagens femininas que são silenciadas nessas narrativas realistas atravessadas por recorrentes inquietações sentimentais. Lá estava então o tema: desejos de amar, protagonismo e silenciamento feminino. O livro *Esparadrapo* surge com esse deslocamento. Trago para uma menina, a Beatriz, o desejo de, antes de amar, amar a própria vida em uma perspectiva essencial da personagem como um sujeito de si. Beatriz, em suas ações de si, tem a certeza de que “o bicho-amor não é um bicho-bruto que deixa machucados na pele e dores na respiração e nos pensamentos”.

Entrevistadoras: Segundo Antônio Moura no prefácio de *Aguarrás*, “Há uma reflexão estética sobre o próprio fazer poético”. Poderia comentar sobre esse processo?

Daniel da Rocha Leite: As camadas de produção e recepção de um discurso poético são múltiplas. No livro *Aguarrás*, como o próprio nome sugere, busquei realizar um projeto que, de maneira instigante, sempre volta às minhas reflexões: desbastar a palavra e dissolvê-la no silêncio constituidor do processo de enunciação de um poema. Neste sentido, o entendimento do poeta Antônio Moura ao prefaciá-lo *Aguarrás*, “há uma reflexão estética sobre o próprio fazer poético”, expressa um dos movimentos de escrita pelo qual desenvolvi o livro. Ao refletir sobre o fazer poético necessariamente reflito sobre uma estética do silêncio.

Entrevistadoras: No seu projeto literário, a linguagem é concebida como ato político, como percepção do mundo. De que forma isso se revela na escrita dos seus textos?

Daniel da Rocha Leite: A linguagem literária não pode se esquivar de um discurso político e resvalar tão-somente em uma representação de entretenimento. Essa percepção política do mundo através da literatura, no meu projeto de escrita, busco desenvolver nos discursos dos narradores, no espaço-tempo da narrativa e no contraste de ações (e omissões) discursivas entre as personagens. Penso que uma

escrita literária, entrecortada pelos silêncios de um texto, busca cuidar da condição humana no mundo simbólico das narrativas.

Entrevistadoras: Em palestra sobre suas obras, você afirma que o imaginário atravessa o real do escritor. Como se dá esse processo em sua escrita literária?

Daniel da Rocha Leite: Acredito que cada escritor desenvolve um processo particular de criação. No meu caso, quando estou em um projeto literário, tudo converge para a criação do mundo ao qual estou a me lançar com o trabalho da escrita. Tenho a sensação de que passo a conviver com as personagens, seus possíveis pensamentos, olhares, palavras e silêncios. Neste sentido, de alguma forma, o mundo imaginário coexiste, por um tempo, com o real do escritor. São atravessamentos, tempos de ausência do ser que narra, tempos de presença das personagens. Tudo gira, reitero, em torno do processo específico de trabalho de uma escritora ou de um escritor.

Entrevistadoras: Segundo suas palavras “O imaginário entra no real na perspectiva do simbólico”. Elementos como água e rio perpassam suas produções e trazem uma simbologia bastante fecunda. Qual a sua relação com esses elementos e por que, de forma recorrente, eles são engendrados em suas narrativas?

Daniel da Rocha Leite: “Água, barcos, casas, rios, avós”, eu não consigo explicar objetivamente a escolha desses elementos simbólicos. Talvez uma possível explicação esteja no campo dos afetos: aquilo que me constitui como uma pessoa inerente a um tempo-espaço humano com as suas margens em movimento.

Entrevistadoras: A partir da afirmação de que “Os mundos só existem porque as histórias são contadas”, qual a importância das personagens que contam histórias em suas narrativas? Podemos citar *A história das crianças que plantaram um rio*, *Procura-se um inventor*, *A menina árvore*, entre outros.

Daniel da Rocha Leite: A relevância de algumas personagens que, dentro das minhas narrativas, contam (e recontam) histórias fundamenta-se na potência da memória como uma chance de buscar compreender as nossas fraturas, as nossas linhas de reconstrução de significados, em síntese, a nossa necessária e delicada convivência em sociedade. Contar e recontar histórias, no fundo, é a transfusão

mútua, voz subjetiva – voz social, que tece uma história coletiva. Ler, escrever, escutar, narrar, compartilhar as nossas experiências, semeia em nós o sopro da vida.

Entrevistadoras: Você está escrevendo algum livro no momento? Poderia falar um pouco sobre esse novo projeto?

Daniel da Rocha Leite: Nestes tempos difíceis de pandemia, confinamentos, ausências imensas, retornei à escrita de um texto que pretende abordar o reencontro de um homem com o porão de sua casa da infância. Um bote inflável abandonado pelo chão, uma gata a parir filhotes e a comer a própria placenta, a memória da música de um piano, tábuas de pau d'arco a estalarem passos, a voz de uma mulher. Uma história em movimento, um mundo em busca de um sentido possível.